

Mensagem para a Quaresma

2014

**POBREZA E RIQUEZA
DE DEUS E DOS HOMENS**



Comissão Nacional Justiça e Paz

1. É hoje evidente que o olhar pastoral do Papa Francisco atribui à pobreza e aos pobres um lugar central nas suas preocupações. Poderá dizer-se que a escolha do nome, no encalço de Francisco de Assis, já o indiciava. Todavia, sobretudo para quem não conhecesse o seu passado de Bispo, era difícil antever a forma que aquela preocupação viria a ter no exercício da missão de Papa. O que mais importa notar é, no entanto, que o Papa não fala dos pobres na perspetiva de um ativista social ou político, mas como alguém que encontra no tema *uma dimensão essencial da mensagem cristã*. Por outras palavras, a novidade não está apenas no modo de ver os pobres e a pobreza, mas também no seu entendimento da mensagem cristã. Interessa-nos aqui a abordagem do assunto na sua recente mensagem para a quaresma deste ano de 2014.

A reflexão do Papa Francisco, cuja leitura e meditação recomendamos vivamente, parte da passagem em que o Apóstolo Paulo recorda aos cristãos de Corinto que Jesus Cristo, “sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza”. Com esse texto, Paulo visava encorajar os coríntios a serem generosos com os cristãos de Jerusalém que passavam necessidade. Neste sentido, era um “convite à pobreza, a uma vida pobre em sentido evangélico”¹.

O que nos diz a nós, cristãos de hoje, esse convite? pergunta o Papa.

2. A propósito da crise que atravessamos e do que deveria ser diferente após a crise, tem-se realçado a necessidade de *um estilo de vida diferente*: mais sóbrio, liberto dos vícios em parte responsáveis pela crise, tais como o individualismo, a cultura do «consumismo» e do «descartável», a idolatria do dinheiro e do poder². Na mensagem quaresmal, a mudança do estilo de vida sugerida por critérios humanos e económicos adquire um significado muito mais profundo. Inspira-se no “estilo de Deus”, designadamente no facto de o Filho se ter despojado do poder e da glória, para se tornar em tudo semelhante a nós.³ A finalidade de Jesus Se fazer pobre, nota o Papa, não foi a pobreza em si mesma, mas a salvação da humanidade. Com efeito, “Deus não fez cair do alto a salvação sobre nós, como a esmola de quem dá parte do próprio supérfluo com piedade filantrópica. Não é assim o amor de Cristo!”⁴ Para os cristãos, portanto, a adoção de um novo estilo de vida, marcado pela pobreza evangélica, aparece como uma exigência da fé, independentemente de a sociedade portuguesa e, em certa medida o mundo, estarem a atravessar uma crise. O Papa refere-se à Igreja como “um povo de pobres”⁵.

3. Todavia, a crise e os sacrifícios que vêm sendo impostos sobre o povo português poderão sugerir um *modo* de «ser pobre» diferente do que poderia ser na ausência desses sacrifícios, designadamente na relação de cada um com o mais necessitado, à semelhança da atitude do Bom Samaritano, de que nos fala o evangelista Lucas. Não apenas na relação entre pessoas, mas também no exercício da caridade «política» que conduza as instituições, os poderes públicos e a sociedade civil a agirem no sentido de suscitarem as mudanças sociais necessárias. Com efeito, “A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza,

¹Papa Francisco, *Mensagem para a Quaresma de 2014*.

²A este propósito, ver Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 2013.

³*Mensagem para a Quaresma de 2014*.

⁴*Ibidem*.

⁵*Ibidem*.

são exigidos a todos”⁶. Apesar de temer que estas palavras não tenham incidência prática, o Papa acrescenta: “tenho confiança na abertura e nas boas disposições dos cristãos e peço-vos que procureis, comunitariamente, novos caminhos para acolher esta renovada proposta”⁷.

Ao qualificar a proposta de «renovada», que não apenas repetida, e os caminhos de «novos», o Santo Padre revela a consciência de que a perspectiva tem subjacente algo de novo relativamente ao modo como os cristãos têm entendido a sua relação com a pobreza evangélica, na sua expressão universal, ultrapassando, em certo sentido, a tradicional distinção entre a proposta universal e a que está associada ao «voto de pobreza» próprio de certas vocações específicas.

4. Assim entendida, como parte essencial da mensagem cristã e do «ser cristão», a pobreza abrange o modo como nos relacionamos com Deus, com os irmãos e com as coisas. Com Deus, além do mais, porque “A riqueza de Deus não pode passar através da nossa riqueza, mas sempre e apenas através da nossa pobreza, pessoal e comunitária, animada pelo Espírito de Cristo”⁸; com os irmãos porque “À imitação do nosso Mestre, nós, cristãos, somos chamados a ver as misérias dos irmãos, a tocá-las, a ocupar-nos delas e a trabalhar concretamente para as aliviar”⁹; e com as coisas porque “Quando o poder, o luxo e o dinheiro se tornam ídolos, acabam por se antepor à exigência duma distribuição equitativa das riquezas. Portanto, é necessário que as consciências se convertam à justiça, à igualdade, à sobriedade e à partilha”¹⁰.

5. Facto é que o país está em crise, situação em que as exigências evangélicas adquirem maior importância e sentido de urgência. É notória a quase exclusiva centragem do debate, envolvendo quase todos os quadrantes políticos, em indicadores expressos em unidades monetárias, com flagrante menosprezo dos que refletem as condições de vida dos portugueses. Mais recentemente, o discurso passou a ecoar apenas as indicações de alguma melhoria nalguns daqueles indicadores, com prático silêncio sobre as centenas de milhar de desempregados (muitos sem qualquer subsídio), de pessoas que só se alimentam porque dispõem de ajudas sociais e subsistem por recurso a serviços e instituições sociais que já não têm possibilidade de satisfazer todos os pedidos que recebem.

6. Há mesmo quem entenda que o «país» está melhor, embora os «portugueses» estejam pior. Independentemente do que se quer dizer com essas observações, o que preocupa é que assim se estabelece uma dicotomia entre o país e os portugueses, assimilando o primeiro a alguns indicadores instrumentais e de duvidosa evolução, por um lado, e as condições de vida das pessoas, que são (deveriam ser) a razão de ser da economia e das finanças, por outro. Do mesmo modo, quando se estabelece uma distinção entre «disciplina orçamental» e «austeridade», para substituir esta por aquela, contribui-se para o «branqueamento» tecnocrático da austeridade, até agora inextricavelmente associada àquela disciplina. É particularmente importante, mesmo imperativo, que tenhamos a consciência de que não é aceitável pensar em políticas de disciplina orçamental (uma questão de números) sem medir as implicações que virão a ter na austeridade, ou seja,

⁶Congr. Para a Doutrina da Fé, *Libertatis nuntius*, 6 de Agosto de 1984, citado em *Evangelii Gaudium*, 201.

⁷*Evangelii Gaudium*, 201.

⁸*Mensagem...*

⁹*Ibidem*.

¹⁰*Ibidem*.

nos sacrifícios que acarretam e no modo como estes se distribuem. Justifica-se repetirmos aqui o que dissemos em mensagem anterior: a justiça na repartição dos sacrifícios mede-se não apenas pelo que se dá, mas também através daquilo com que se fica.

7. O que mais choca é a difusão de uma *cultura económica* em que a dimensão humana da economia está ausente, ou na cauda, do discurso político. Agora, para alguns, para além de buscar a disciplina orçamental, não haveria mais a fazer do que *esperar*. Esperar que a economia reanime, os empregos surjam, os salários possam aumentar sem prejudicar a «competitividade», as pensões possam melhorar, a saúde não careça de respiração assistida, a desigualdade diminua. Esperar enquanto necessário, confiando. Confiando em que tudo isso será feito pelos mecanismos do mercado.

8. Será que existem neste campo exigências de natureza ética? Vale a pena ouvir o Papa: “Em última instância, a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado.”¹¹ Acresce o problema do tempo. Não é indiferente o tempo requerido para se atingir uma situação aceitável. Com efeito, como lembrou Bento XVI, “A urgência não está inscrita só nas coisas, não deriva apenas do encaixar dos acontecimentos e dos problemas, mas também do que está em jogo”¹². Neste caso, estão em jogo os sacrifícios e o sofrimento, por falta de condições de vida compatíveis com a *dignidade humana* e o *bem comum*, “questões que deveriam estruturar toda a política económica, mas às vezes parecem somente apêndices acrescentados de fora para completar um discurso político sem perspetivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral”¹³. Neste sentido, “Os planos de assistência, que ocorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias”, e terão de ser “radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social”¹⁴.

9. Se é verdade que a crise pode constituir uma oportunidade, a mensagem quaresmal do Papa contém, certamente, uma orientação preciosa para que procuremos construir um estilo de vida, individual e coletivo, mais humano e mais fiel à mensagem de Jesus Cristo, que se fez pobre, nas palavras de Paulo, “para vos enriquecer com a sua pobreza” (Cor 8, 9).

Recorda o Papa Francisco que “A Quaresma é um tempo propício para o despojamento”. E acrescenta: “far-nos-á bem questionar-nos acerca do que nos podemos privar a fim de ajudar e enriquecer a outros com a nossa pobreza. Não esqueçamos que a verdadeira pobreza dói: não seria válido um despojamento sem esta dimensão penitencial. Desconfio da esmola que não custa nem dói.”¹⁵

5 de março, Quarta-Feira de Cinzas de 2014

¹¹*Evangelii Gaudium*, 57.

¹²Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 20.

¹³*Evangelii Gaudium*, 203.

¹⁴*Ibidem*, 202.

¹⁵*Ibidem*.